

PATERNIDADE

“Portanto, *sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês*, que está no céu”. (Mateus 5:48)

As vivências experimentadas desde a mais tenra idade estão entranhadas na formação de nossa identidade. Muitos princípios e valores inconscientes se misturam com nossos hábitos, que forjam o que somos por dentro. Por vezes, dizemos que acreditamos em algo sem que isso seja uma convicção real, consciente e madura. Convicções superficiais não são capazes de transformar nosso interior. Abraçamos uma crença, e nos frustramos quando nossos hábitos caminham em uma outra direção.

Expressar com palavras uma crença sem discerni-la realmente torna-se algo vazio; uma mera repetição de dogmas religiosos ou ideológicos que reproduzimos mais por hábito do que por convicção. A *metanoia* é uma transformação de dentro para fora que, a partir de convicções firmes e reais, muda radicalmente nossos hábitos e nosso modo de viver.

A série CONVICÇÕES nos convoca a uma profunda reflexão sobre aquilo que dizemos crer. Afirmamos que “cremos em Deus Pai”. Contudo, realmente discernimos as dimensões dessa paternidade?

Lendo os Evangelhos, trilhamos a narrativa de Mateus e encontramos a primeira citação de Jesus falando de Deus “*Iaveh*” como “*Abba*” Pai, no Sermão do Monte, ao proclamar conselhos para uma mudança radical na forma de ver e ser dos seus discípulos (veja Mateus 5). O que Jesus queria nos ensinar ao apresentar Deus não mais como apenas “*Theos*” (Deus, em grego), mas agora como *Theos Pater* (Deus Pai)? O que mudou na Revelação de Deus ao ser humano desde o Éden e em toda a narrativa do Velho Testamento? O que faz Jesus apontar para uma relação íntima com o grande “*Eu Sou*” conhecido do povo de Israel?

A Trindade materializou-se diante dos olhos de muitas pessoas que testemunharam o batismo de Jesus. Ali, o Filho do Homem apresentado por João Batista e anunciado pelos profetas, evidenciou através da Voz vinda do Céu: “*Este é o meu filho amado...*”, a existência de Deus como Pai. Essa paternidade revelada através de Jesus deve mudar nossas mais profundas convicções.

Vários textos bíblicos nos apontam características intrínsecas à paternidade de Deus e iremos percorrer algumas delas: amor, identidade, nome, pertencimento e herança.

1) **Amor:** na parábola do filho pródigo, vemos o amor da perspectiva do Pai (Lc 15: 11-12; 17-24 e 31-32). O apóstolo João faz uma afirmação importante: Deus é amor (1 Jo 4:8). A postura daquele Pai na parábola analisada revela um amor espiritual transcendente às paixões e amores humanos e nos aponta um aspecto fundamental da paternidade de Deus. Ele, em sua soberania, atende o pedido do filho sem ressalvas. Espera seu retorno e o recebe com alegria, restaurando a antiga relação com seu filho. O pai sabe que o filho amadureceu e se deixou moldar com o sofrimento. A descrição deste amor está em Jo 3:16 e em I Co 13:4-8 e 13. Um amor que se doa, que espera, que suporta sofrimento em prol do bem do outro: amor sacrificial.

2) **Identidade:** na concepção humana, as características com as quais nascemos são herdadas de nossos progenitores. Um pai transmite genes responsáveis por características físicas e também de personalidade e caráter. Uma criança aprende a ser e a se reconhecer como ser humano à medida do convívio com seus pais, família e pessoas conhecidas. Essa mesma lógica se aplica à nossa relação com Deus Pai. Ele se revelou a nós e nos chama a conhecê-lo intimamente. Desde o Éden, ele procurou ter um relacionamento diário com seus filhos. No entanto, a humanidade escolheu, tal como o filho pródigo, viver longe do Pai. Jesus nos aponta o caminho de volta, um caminho de regresso, de maturidade e de resgate a um relacionamento profundo com nosso Pai (1 Jo 3:1-3 e 4:10-19). A convicção da Paternidade de Deus e de nossa filiação deve se refletir em quem somos e no que fazemos aqui. Essa convicção é firmada pela iluminação do Espírito Santo, pela obra redentora de Jesus, a qual explicita o amor incondicional e sacrificial do Pai. Isso nos dá clareza de nossa identidade (Rm 8:14-17 e 29-39).

3) **Nome e Pertencimento:** em Apocalipse 2:17 e 3:12 Jesus nos diz que teremos um novo nome e que somos filhos de Deus. Paulo, em Ef 2:19, ao explicar a profundidade do plano de redenção, afirma que somos parte da família de Deus. Essa convicção deve transpor a nossa racionalidade e nos fazer enxergar uma realidade transcendente: somos a família de Deus! Não somos pessoas individualizadas que trilham seus próprios caminhos, mas somos parte Dele, nossa fonte de vida, nossa essência, nosso Pai. Apenas para enfatizar tamanha beleza, em Rm 8:19-21, Paulo afirma que *“toda a criação aguarda com grande expectativa o dia em que os filhos de Deus serão revelados”* e nos aponta como a nossa vida está conectada ao Pai e como toda a criação aguarda o desfecho de sua obra redentora!

4) **Herança:** todo Pai deseja que seus filhos recebam de si um legado, uma herança. Na parábola de Lucas 15, a narrativa tem início quando o filho quer receber sua herança antecipadamente. Deus Pai também nos preparou uma herança. Vamos ler Hb 1:1-3; Ef 1:14-17; Cl 1:12 e Ap 21:7. O autor de Hebreus enfatiza a herança recebida por Jesus Cristo, o qual se revelou a nós como a exata expressão de quem Deus é. Se lembrarmos de Jo 15 e Ef 4:1-6 poderemos dimensionar que tudo o que Cristo herdou nos é transferido, na medida em que somos seu Corpo e somos um com Ele. Os filhos reflitem o Pai, expressando seus valores e virtudes, é o desejo maior de Deus para nós. Filhos maduros que o reconheçam, que aceitem trilhar o caminho por ele proposto em obediência e confiança, assumindo um modo de vida a partir da maior marca de seu caráter, o amor sacrificial (ver a oração de Jesus em Jo 17:20-26).

Retomando as palavras de Jesus em Mt 5:48 encontramos a palavra *“perfeito”* (*teleia*, em grego). Diferentemente de nossa noção de perfeição, o termo bíblico tem como significado o aperfeiçoamento, o ser maduro ou o sentido de completamente amadurecido. Nesta perspectiva compreendemos que da mesma forma que o filho prodigo peregrinou errante longe do Pai para enxergar sua real condição e desejar voltar, encontrando perdão e redenção; nós também, no caminho de regresso à casa do Pai, somos chamados a amadurecer. Este é o desejo do nosso criador: que todos cheguemos à plenitude do conhecimento de quem Ele é, à estatura de homem completo (Ef 4:13). Mas esse caminho de maturidade passa por uma jornada de busca, entrega e quebrantamento (1 Co 13:11 e 14: 20; Fl 3: 12-17; Tg 1:1-4).

A Paternidade de Deus foi revelada na vida de Jesus, o primogênito de muitos irmãos, que nos apontou a si mesmo como caminho e modelo, para uma vida de intimidade com o Criador do Universo. Deus perfeito, que escolheu para si uma família de filhos imperfeitos a serem aperfeiçoados em amor. Ele escolheu se relacionar conosco não como uma divindade poderosa e distante, mas para nos reunirmos a Ele em algo eterno e muito maior (Ef 1:4-14).

Essa convicção escandaliza a cultura pós-moderna na qual estamos inseridos: não somos seres individualizados em busca de potencializar nossas próprias habilidades a fim de fazer nossos próprios nomes conhecidos. Somos parte de uma família eterna, criados para sermos filhos de Deus, expressando a sua Glória, amor, perdão e justiça. Somos seres coletivos, cuja existência só tem significado e propósito no fato de que pertencemos a um corpo. Somos parte de um todo e, ao mesmo tempo, temos dádivas, dons, talentos e características distintas que expressam a multiforme sabedoria de Deus, o Nosso Pai!

O amor do Pai nos faz filhos. Ele nos deu uma nova identidade, um nome, uma família da qual fazemos parte. Nos deu uma herança por meio de Jesus e o selo do Espírito Santo. Na condição de filhos, somos chamados a expressar quem Deus é: *“sejam perfeitos como o vosso Pai”*.

PARA REFLEXÃO:

Em que medida o entendimento da paternidade de Deus afeta nossas convicções? Como a perspectiva do pertencimento à família de Deus transforma a nossa vida? Temos lutado contra hábitos que refletem convicções íntimas e inconscientes entranhadas no nosso coração a partir das nossas vivências e que não correspondem a uma convicção profunda da nossa filiação? Reconhecemos de todo o coração a paternidade de Deus? Estamos dispostos a fazer o caminho de volta à casa do Pai? Como a visão de Deus como *Abba* impacta nosso interior? Como podemos nos ajudar mutuamente a nos relacionar com nosso Pai em obediência e busca por maturidade? Como vivermos de forma responsável, uns para com os outros, a fim de expressar a paternidade de Deus com amor sacrificial?

PARA ORAÇÃO:

Cremos em Deus Pai. Nossa oração, como família reconhece que Deus é nosso Pai. Declaramos que queremos trilhar o caminho de volta à casa do Pai, reconhecendo nossas fraquezas, debilidades e nosso pecado. Reconhecemos que o nosso coração muitas vezes deseja trilhar nosso próprio caminho, individual e longe do Senhor. Que o amor e o perdão do nosso *Abba* inundem nosso ser gerando transformação no nosso coração e nos nossos desejos. Que o Espírito Santo grite em nosso interior nos dando força para lutar contra o sistema, contra as potestades e os principados que nos rodeiam. Que sejamos apoio mútuo para o exercício e o aperfeiçoamento do amor sacrificial, na compreensão de que somos irmãos, filhos do *Abba*. Pai, faz-nos um, para que o mundo e as pessoas ao nosso redor reconheçam nos filhos o caráter do nosso Pai que está no Céu!